

EP-243

MANIFESTAÇÃO ATÍPICA DE DERMATITE SIFILÍTICA EM PESSOA QUE VIVE COM O HIV - RELATO DE CASO

Hélvio Martins Gervasio, Giovanna Reis Kobal Perillo, Christiane Reis Kobal, Leonardo Weissmann

Hospital do Coração Anis Rassi, Goiânia, GO, Brasil

Introdução: A sífilis e o HIV são infecções sexualmente transmissíveis e, dessa maneira, a infecção por uma pode favorecer a aquisição da outra. Ademais, a sífilis pode ter um impacto negativo no estado imunológico e virológico de pacientes com infecção por HIV.

Objetivo: Relatar um caso atípico de dermatite sifilítica em uma pessoa que vive com o HIV.

Metodologia: Um homem de 25 anos, previamente hígido, deu entrada no pronto-socorro com lesões arredondadas, múltiplas, ulceradas, com crostas extremamente aderidas, dolorosas e sangrantes à manipulação, na face, tronco e membros, há um mês. Sem lesões palmoplantares. Teste rápido anti-HIV reagente. Contagem de linfócitos T CD4+: 577 células/mm³. FTA-abs reagente e VDRL reagente, com título 1/2048. Sorologias não reagentes para hepatites B e C. A biópsia das lesões revelou dermatite linfomononuclear crônica com hiperplasia epidérmica e reação granulomatosa. Iniciou terapia antirretroviral e penicilina benzatina para o tratamento de sífilis secundária. Apresentou boa evolução, com melhora das lesões.

Discussão/Conclusão: Na maioria dos casos descritos, os pacientes infectados e não infectados pelo HIV com sífilis secundária não mostraram diferenças na apresentação ou na gravidade da doença, mas elas podem aparecer. Nessa fase da sífilis, observa-se classicamente erupção macular ou papular difusa e simétrica, envolvendo o tronco e as extremidades, incluindo as palmas das mãos e plantas dos pés. No nosso caso, verificamos lesões ulcerocrostosas, infiltrativas e disseminadas, sem comprometimento palmoplantar. Em virtude da apresentação atípica, o paciente teve diagnóstico tardio da sífilis e da infecção pelo HIV. Os regimes terapêuticos para sífilis são os mesmos, independentemente da coinfeção, porém o monitoramento deve ser maior.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101321>

EP-244

EPIDEMIOLOGIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DE ALAGOAS: UM ESTUDO DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Beatriz Gonçalves Luciano, Anderson Peixoto da Silva, Flavia Danielle Souza de Vasconcelos, Thiago José Matos Rocha

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, AL, Brasil

Introdução: A sífilis congênita (SC) é uma doença infecto-contagiosa causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que pode ser transmitida por via transplacentária ou por contato direto com uma lesão durante o parto. Essa pode ser classificada, clinicamente, em precoce ou tardia, apresentando várias manifestações, como prematuridade e lesões cutâneas, podendo levar ao óbito neonatal. Apesar de ser uma doença evitável, é elevado o número de casos de SC no Brasil, fato que a configura um problema de saúde pública no país. O estado de Alagoas, por sua vez, mostra uma alta prevalência da SC, o que coloca esta região em destaque no contexto epidemiológico, justificando o presente estudo.

Objetivo: Analisar os aspectos epidemiológicos e sociais da SC no estado de Alagoas no período de 2010 a 2019.

Metodologia: Estudo quantitativo, com abordagem descritiva e retrospectiva, efetuado por meio de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), analisando-se as variáveis: ano de diagnóstico, idade da criança, escolaridade da mãe, realização de pré-natal, raça da mãe, tratamento, óbitos e diagnóstico final. Ademais, realizou-se uma busca na literatura nas bases de dados Google Scholar e Scielo, através dos descritores: "Sífilis congênita" AND "Epidemiologia" AND "Alagoas".

Resultados: Foram constatados 3.429 casos de SC no estado de Alagoas no período analisado, sendo o maior número notificado no ano de 2018 (12,8%). Observou-se que a maior parte dos acometidos foram diagnosticados na primeira semana de vida (94,7%), o tipo de sífilis congênita recente foi prevalente (90,6%). Quanto ao perfil das genitoras, analisou-se que a maioria era da raça/parda (85,9%) e possuía escolaridade entre 5^a a 8^a série incompleta (32,4%). Em relação ao pré-natal, 73,4% das gestantes realizaram o acompanhamento, mas destacou-se que cerca de 44,7% não fizeram tratamento para a doença, 40,8% obtiveram um tratamento inadequado e foram registrados 38 óbitos (1,1%). Ao comparar os dados com a literatura, verificou-se que a epidemiologia da doença em Alagoas é semelhante a de outras regiões.

Discussão/Conclusão: Mediante os dados obtidos, notou-se que, apesar da elevada adesão ao pré-natal, houve um alto índice de tratamentos inadequados e não realizados, o que aponta falhas na assistência primária e contribui para a maior incidência da SC no estado. Assim, este estudo ratifica a necessidade de potencializar as estratégias de controle e prevenção dessa infecção em Alagoas, com base na compreensão do detalhamento epidemiológico no período analisado.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101322>